

O PROGRAMA VOZ INDÍGENA – VERSÃO CINEMATOGRAFICA

Sebastião Quintino Álvares ¹

Apresentarei um pouco de cada programa dessa série, que é composta de seis. Depois quando chegar no #5, falarei a respeito de nossa cidade de São Gabriel da Cachoeira, suas lendas, tradições e costumes.

Cinema Voz Indígena #1

Uma experiência cinematográfica sobre estudos indígenas, na busca por experiências e caminhos pelo nosso olhar, na primeira edição do programa, trouxe uma jornada através de músicas, histórias e relatos. De início temos cenas que convidam a uma viagem, caminhos numa cidade de interior, sua pequena rodoviária e escutamos a música “Terra Querida”. Então, ouvimos, em seguida, relatos de Júlio Ribeiro sobre a música “Terra Querida” (1989), que é composta por Francisco Lacerda e Nenete, e interpretada por Chitãozinho e Xororó: “É que a música “Terra Querida” remete sobre a história “Filho de Tupi”, a canção é ligada ao povo caipira. Segundo o historiador Darci Ribeiro, o povo caipira é uma miscigenação entre o indígena e o português. Assim como os povos indígenas, os caipiras foram confundidos como preguiçosos”. De acordo com o relato de Júlio, os caipiras vêm de uma cultura de lazer, um povo que se ajuda. Um relato para conhecermos a trajetória do povo caipira.

Sônia Maria Pinheiro, bibliotecária e contadora de histórias, destacou livros indígenas infantis, citou a importância de se contar histórias africanas, afro-brasileiras e indígenas, de acordo com a lei 11.645/08. Sônia apresenta o livro “Histórias de Índio”, de Daniel Munduruku (1997). O livro é dividido em três partes, “O menino que não sabia sonhar”, “Crônicas e Depoimentos”, “Panoramas sobre os povos indígenas no Brasil”, além de refletir sobre os problemas dos povos indígenas. Tem também um glossário em língua Munduruku para aprender. Esse livro pode ser encontrado nas bibliotecas públicas.

Ainda nessa edição, Natalia Freire Bellentani, trouxe mapas interligando a geografia e a população indígenas existentes no território brasileiro. Entre os mapas, apresenta o “Etnohistórico” de Curt Nimuendajú, revelando a diversidade dos povos indígenas e os caminhos existentes. Certamente, um exercício fundamental para todos os professores e colegas que trabalham com a temática indígena é buscar esses caminhos. Por fim, Tutushamam sobre a língua puri, povo que vive no sudeste brasileiro. O povo Puri sofreu impactos na sua população, na cultura e na língua e o que eles conhecem hoje sobre sua língua foi transmitido via oralidade, em uma história muito difícil. O fortalecimento da língua se baseia principalmente em ações feitas pelo próprio povo, a partir da oralidade dos mais velhos, dos documentos antigos escritos sobre a língua e a história. O encontro com os cantos no presente é fruto das práticas coletivas e forte espiritualidade.

Cinema Voz Indígena #2

O programa abre com uma leitura de “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami” de autoria de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Em seguida, neste caminho que vai se desvendando pouco a pouco, ouvimos a bela canção “O poeta” de Zulmiro Vitor e, na viola, seu Jamil. É sobre a flor do ipê e sua majestade na criação. Zulmiro Vitor conta um pouco sobre sua pequena cidade Analândia, e como se deram as primeiras plantações de café e a presença indígena na região do rio Corumbataí. Depois, Sassá Tupinambá traz sobre a questão da valorização da identidade étnica para a formação do indivíduo. Sassá traz duas palavras, genocídio e o etnocídio para se pensar sobre esse assunto e o quanto é ruim para um povo e para uma classe social que sofre violência o não acesso à identidade. Na sequência do

¹ Licenciando em Música na Universidade Federal de São Carlos. Pertence à etnia wanano/ Alto Rio Negro-AM.
 Letra Indígena, São Carlos, v. 1, n.18. 2021, p. 8-12
 Número Especial – Programa Voz Indígena – uma experiência cinematográfica
 www.leetraindigena.ufscar.br

programa, mais uma moda de viola de Zulmiro Vitor. Suas canções sempre estão ligadas a uma narrativa, que entre outras coisas, louva a natureza. Nessa canção, se lamenta as destruições que sempre acontecem, desmatamento das matas, a retirada do ouro, poluição dos rios, e a expulsão dos indígenas de suas terras. Então, como que em uma busca de cura, o poema “Canção Peregrina”, de Graça Graúna, filha do povo Potiguara, interpretado na voz de Sonia Maria Pinheiro. É, então, que o caminho vai se apresentando. E nesse interior de São Paulo, é que a existência de lugares sagrados se apresenta, caminhos da transformação. Os detalhes são importantes nesse trajeto: “É que o morro do Cuscuzeiro, em Analândia – o morro do Cuscuzeiro é nosso avô. É preciso escutar os passarinhos, olhar para as árvores”, e assim termina o programa sempre com bonitas imagens.

Cinema Voz Indígena #3

Conheceremos um pouco sobre o contexto escolar indígena, sobre a concepção e a formação de professores, das formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa dos povos indígenas. As falas aparecem com imagens de grafismos indígenas. O tema principal da conversa gira em torno da proposta de licenciatura intercultural específica para a formação de professores e vai desde a produção de livros e materiais audiovisuais de autoria indígena para o uso em sala de aula, à questão da ampliação e mesmo de construção de escolas indígenas.

É um tema bastante delicado, pois ainda há a necessidade dos professores não indígenas e professores indígenas entenderem como o tema da interculturalidade pode ser aplicado e como associá-lo ao currículo escolar e de sua peculiaridade para as escolas indígenas. Ainda há uma grande carência em materiais didáticos voltados para esse grupo, como livros na sua língua, em que os alunos possam se identificar com o material que está na escola. Nesse programa, também foi tratado sobre o dia 19 de abril, data em que se costuma comemorar o dia do “índio” e se podemos ou não a considerar, já que ela não representa um fruto de uma luta, uma conquista dos povos indígenas.

Cinema Voz Indígena #4

O programa inicia com “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus, onde, com leitura de Sonia Pinheiro, sentimos a amarga realidade dos moradores da favela de Canindé, uma comunidade que existiu na década de 1950, na beira do rio Tietê, na cidade de São Paulo. O livro, um diário, traz de forma inédita o cotidiano, costumes, a violência, miséria e fome daqueles que são como colocados em um quarto onde se despeja tudo o que não precisa numa casa.

O programa tratou sobre o rio Tietê e se as favelas, que são conhecidas como “quebradas”, se é possível se tornarem aldeias ou se assim já foram ou se ainda o são. Nesse sentido ouvimos uma introdução feita por João Paulo Ribeiro enquanto viajamos por um trajeto entre mapas, chegando à região da zona leste paulistana. Segue na condução desse barco Sassá Tupinambá. A respeito do rio Tietê, para quem não conhece a verdadeira realidade do rio e pensa que o rio sempre foi um rio poluído, mas, a partir de relatos de Sassá, percebemos que ele já foi, naquela região da metrópole, um rio que deu sustento a vários povos indígenas. Um rio onde se podia pescar, caçar. E onde estão esses povos que ali vivem?

Cinema Voz Indígena #5

São Gabriel da Cachoeira, o município mais indígena do Norte do país. Fica no Amazonas, e possui mais de 43.303 habitantes, sendo indígenas e não indígenas, um território com 23 povos, mais 18 línguas faladas, 5 línguas cooficiais - o Nheengatu, Tukano, Yanomami, Baniwa, e o Português. Nesta edição do programa conhecemos o surgimento das flautas sagradas, instrumento musical utilizado pelos povos do Alto Rio Negro em suas manifestações culturais, como o *Carriçú*, a dança do *Mawaco* e o *Kapiwaiwa*.

De acordo com histórias contadas pelos mais velhos, o surgimento dos instrumentos sagrados, se deu a partir de Jurupari, um ser que descia do céu para aterrorizar os indígenas. Uma parte da história conta que antigamente as mulheres não possuíam os órgãos genitais, a sua abertura se deu por um peixe conhecido como jacundá piranga, “peixe vermelho” e por sua vez, o Jurupari não possuía boca, e mais uma vez a sua abertura se deu pelo mesmo peixe. Passaram-se os tempos, o Jurupari passou a conviver com outras pessoas daquela região, mas não imaginava que ele fazia parte de uma família perigosa. Certo dia, a comunidade resolveu fazer uma pequena confraternização, e precisariam de frutas e outros alimentos para uma cerimônia, e assim terem uma boa fartura durante o ano. Sendo assim, Jurupari reuniu um grupo pequeno, dentre ele, algumas crianças, e foram em busca da fruta conhecida por uacu. Sem benzimentos necessários, o grupo saiu em busca dessa fruta, ao adentrar na mata, se depararam com uma árvore grande, e por sinal era o pé de uacu. Jurupari sendo o mais experiente, subiu na árvore e pediu para que as crianças ajuntassem e não a comessem, pois não estavam benzidos. Como as crianças estavam famintas, acabaram comendo a fruta. Logo em seguida, uma grande tempestade com trovões. Rapidamente, o grupo corre para se esconder. Não sabiam do que se tratava. Para proteger as crianças, o Jurupari transformou-se em um grande tronco, e escondeu as crianças, mas ao colocar as crianças dentro de si, ouviu-se um som bem longo... vindo do céu... eram os deuses, chamando para sua morada, e assim levou as crianças. A comunidade vai querer vingança e resolve fazer o dabucuri, um ritual indígena em que o Jurupari desce para abençoar o ritual. Em uma dessas, Jurupari ficou tão bêbado que na primeira oportunidade o jogaram no fogo que era tão forte que acabou estourando a barriga dele. E quando estourou, seguiu para o céu, passou-se o tempo e no lugar em que ele havia se queimado, nasceu a paxiúba, e deixou uma inscrição dizendo que aquela árvore seria a forma dele, não em pessoa, mas em som, um som estridente, misterioso. Pediu para que todos não deixassem os costumes acabarem, e que os ensinamentos continuassem de geração para geração.

Ainda nessa edição conhecemos algumas lendas do município, como a ilha Adana, e da cobra grande, ainda existem muitas coisas a serem desvendadas no município, pois ela guarda consigo mistérios, lendas e contos indígenas interessantes. Conhecemos também as diversidades de músicas indígenas e músicas não indígenas adaptadas, onde são utilizados instrumentos não indígenas e instrumentos indígenas, como o grupo *Marupiara*, grupo *Taína rukena*, e músicas apresentadas no *Festribal*, festival cultural das tribos indígenas do Alto Rio Negro.

O grupo *Marupiara*, que em português que dizer grupo de sorte, vem com características musicais do norte do país: uma mistura de carimbó, *zouk*, lambada, e letras em nheengatu. Uma delas é a música *Apigá Marupiara*, que conta a história de um rapaz que quer se casar com uma linda mulher, e que ela não passará necessidade se ela aceitar.

Ixé iepé apigá Iepé apigá marupiara Apuamo kuema ité Apisika se pindá Apisika se ruíua Se igara apukuitar Se ruri katú asú apinitika indarã Apinitika uarakú, apinitika iakundá Apinitika surubi, tukunaré, apukuita Panhê kua piraita remuinarã nem quinhapira Tiaputai nem sui tipiaka nem masoka Tiaputai tukupi tiaputai kuradá Anhutema aputai reimana ixé	Sou um homem Um homem de sorte Levanto cedo Pegó o meu caniço Pegó minha vara Minha canoa e o remo Vou feliz e vou pescar pra você Vou pescar aracú, vou pescar jacundá Vou pescar surubi, tucunaré, sarapó Esses peixes é pra quinhapira Não quero tapioca, nem maçoca Não quero tucupi nem curada O que eu quero é apenas um abraço
---	---

Taina rukena, o grupo foi criado em homenagem à escola da comunidade de Boa Vista, que fica localizada na foz do rio Içana. Assim como o Marupiara, o grupo musical tem suas raízes na festa de santo, que são muito comuns na região do Alto Rio Negro. O nome da música abaixo é Cultura Kariamã.

Purasí, rénhêgai Purasí, TR umuapú ikú Icana serui ruirâ Baniwa e Baré Icana serui ruirâ Nem cultura kariamã	Dançar, e cantar Dançar, TR estar a tocar Içana está te chamando Baniwa e Baré Içana está te chamando Pra mostrar a cultura kariamã
---	--

Temos também, nesse programa #5, as músicas que são apresentadas no festival cultural das tribos indígenas do Alto Rio Negro. Três agremiações apresentam a cultura dos povos indígenas do Alto Rio Negro em formas cênicas, rituais, danças e músicas adaptadas. As letras apresentadas no festival são letras que contam histórias do povo, lendas, cunhã Poranga, Pagé, menina moça, e histórias da própria cidade.

Habitantes do rio

(letra e música: Jorge Miranda;

Arranjos: Lauro Marcio e Joelmir Gonsalves)

Pirara pira pinima
Iuru piranga e aracú
Piraíba boto tucuxi
Cobra grande buasú
Aruana, sarapó, sardinha, bodó, carauasú
Piranha, mamanhacú, jacundá, candiru
Nesse rio não me assombro, puçá no ombro vou mergulhar
Meu kakuri marupiara, minha gente vai alimentar
Festribal, já começou
E o meu povo alegre a cantar
A Waupés levanta o povão
Na batida da nossa nação.

Rio Negro querida

(letra e arranjo: grupo musical Rio Negro)

E o som do Trocano Veio anunciar É a Rio Negro querida São belezas tribais Dança Rio Negro guerreira Que o povo exaltar Dança da minha história Que só a Rio Negro sabe resgatar Eu sou filho da mãe natureza Arara tucano a onça Silêncio na praia do muçum	Cobra grande acabou de chegar Anjo Gabriel, catedral São Gabriel Sempre vamos lembrar Da ilha dos reis a ilha do Cuati Das histórias dos ritos das lendas de um povo, valente guerreiro A riqueza Pico da Neblina, alto seis lagos, serra Unari Cachoeira de Ipanoré, corredeiras de Tunuí É a Rio Negro, que veio mostrar As belezas, desse Festribal Bela adormecida, serra do Cabari Pedra de Cucuí, Curucui, Buburi, Adana.
--	---

Esse programa, que traz sobre a cidade de São Gabriel da Cachoeira, traz também um tema que é muito importante para a continuidade desses conhecimentos. É a educação escolar indígena. Diretamente da comunidade de Itapereira, ouvimos o relato da professora Claudiana Brazão Lopes sobre a escola “*Se aría*” - Minha avó - que fica localizada no Médio Rio Negro. Claudiana fala sobre a escola, seu funcionamento e as dificuldades a superar, como falta de certos materiais e apoio dos governos. Mas o ponto forte é justamente a positividade da escola na preservação da cultura indígena.

Cinema Voz Indígena #6

Na sexta edição do programa, tratamos da educação, comunidade, universidade e sobre estudos indígenas na comunidade de Cabari, na terra indígena Médio Rio Negro II. A comunidade fica também no município de São Gabriel da Cachoeira. Antônio Fernandes Góes Neto traz suas falas junto com conversas entre os moradores da comunidade. Entre os objetivos, mostrar que, mesmo com a novas tecnologias, é possível resgatar tradições antigas, valorizando as práticas originais e sustentáveis. Vemos cenas da escola e sua dinâmica de construção de conhecimento. A pesquisa é a partir do livro “Bem viver e viver bem”, de André Fernando Baniwa. De onde vem o conhecimento? Essa é a pergunta que direciona todo esse trabalho na escola, onde escola e comunidade não têm limites. E das comunidades indígenas, suas próprias escolas, mostram sobre o conhecimento e deste para o bem viver.

Esse programa, que fecha a série, termina com uma certa abertura como que vai continuar. Termina com um canto do povo Puri após fala de Tutushaman onde entre as notícias, nos conta sobre a aldeia Marakanã, uma Universidade Indígena construída popularmente na cidade de Rio de Janeiro.